

## Discurso e *ethos*: uma análise dos “Rótulos” homossexuais em *Um livro para ser entendido*

*Discourse and ethos: an analysis of homosexual "Labels" in "A Book To Be Understood"*

Agenor Rodrigues Junior<sup>a</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9575-2851>

Érika de Moraes<sup>b</sup>

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6571-3971>

Recebido em: 19/06/2020. Aprovado em: 23/02/2021.

### Resumo

Este artigo é guiado pelo objetivo de investigar a forma como a linguagem trabalhada no capítulo *Rótulos*, da obra literária *Um Livro Para Ser Entendido*, articula uma série de elementos que se empenham em desconstruir paradigmas e estereótipos acerca do que é “ser gay”. Para tanto, apoiamos nossas análises no aporte teórico-metodológico da Análise do Discurso de Tradição Francesa, mais precisamente, o conceito de *ethos*, noção que apresenta eficácia para intenção de aferir traços à personalidade de um sujeito enunciador alocado “para além do texto”.

Palavras-Chave: *Um Livro Para Ser Entendido*. Análise do Discurso de Tradição Francesa. *Ethos*.

### Abstract

This article is guided by the intention of investigating the way the language worked in the chapter *Labels*, of the literary work *A Book To Be Understood*, articulates a series of elements that endeavor to deconstruct paradigms and stereotypes about what is "to be gay". To this end, we support our analyzes in the theoretical-methodological contribution of the Discourse Analysis of French Tradition, more precisely, the concept of *ethos*, notion that has efficacy for the purpose of assessing traits to the personality of an enunciate subject allocated “beyond the text”.

Keywords: *A Book To Be Understood*. Discourse Analysis of French Tradition. *Ethos*.

### Introdução

Histórica e culturalmente, a comunicação midiática, em sua amplitude, imputa e “cristaliza” algumas identidades e modelos como mais legítimos que outros. Nessa conjuntura, a comunidade gay se consolida como um dos grupos mais afetados por essa realidade, posto que persiste uma demanda social de comportamento que, por muitas vezes, escamoteia aqueles que diferem do que é dado como padrão hegemônico.

<sup>a</sup> Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. São Paulo/Brasil. E-mail: [agenor.jr@unesp.br](mailto:agenor.jr@unesp.br)

<sup>b</sup> Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. São Paulo/Brasil. E-mail: [erika.moraes@unesp.br](mailto:erika.moraes@unesp.br)

Na contrapartida da conquista, a passos curtos, de uma abertura de espaço para debate e intercâmbio de experiências entre identidades sexuais na mídia tradicional, no que compete o decurso do processo de midiatização da sociedade brasileira, a visibilidade dada por esses meios recai, frequentemente, na representação de certas identidades de maneira ofensiva, em recortes jocosos, associados ao escárnio que ironiza as feminilidades e afetações, como no caso dos personagens gays retratados em algumas telenovelas e programas de humor, que acabam por corroborar na consolidação de fórmulas que pontuam os “mecanismos” de reconhecimento social de comportamentos inerentes ao que pode se caracterizar ou não como homossexualidade. Nesse aspecto, cabe mencionar, embora aqui sem aprofundar a questão, que o estereótipo da feminilidade na retratação da identidade gay remete à histórica inferiorização da identidade feminina, como já debatido em diversos trabalhos (BOURDIEU, 2002; MORAES, 2008).

Fry e MacRae (1985), no “ponto de partida” de sua obra *O que é a homossexualidade?*, discorrem sobre o fato de que a própria pergunta carrega a proposição de que, pragmaticamente, a homossexualidade seja “alguma coisa”, um objeto “simetricamente desenhado”, que se desenvolve em um dado cenário de condições exatas. Para os autores, é imprescindível considerar que a homossexualidade é, em si, uma miríade de variações em torno de um mesmo tema: a relação em nível afetivo-sexual entre indivíduos que compartilham do mesmo sexo, e que, sendo assim, é: uma coisa na Grécia Antiga, outra coisa na Europa do século XIX, e outra coisa completamente diferente no Brasil contemporâneo, bem como nas concepções distintas que possam habitar um mesmo ambiente (com realidades sócio-políticas em comum) e, mesmo assim, emergirem de posições discursivo-ideológicas diferentes.

Desse modo, como definir o que é, então, a homossexualidade? Enquanto mídia e sociedade concretizam um espaço de trânsito entre discursos embaralhados e “envelopados” por opiniões que divergem na disputa pela certificação de uma verdade absoluta?

Fry e MacRae (1985, p. 10) elucidam que não há resposta concreta que desvende no limite das palavras o que é, de fato, a homossexualidade, e que as “ideias e práticas a ela associadas são produzidas historicamente no interior de sociedades concretas, que são intimamente relacionadas com o todo dessas sociedades”.

Nessa conjuntura, tomando por base os parâmetros elencados, o presente trabalho pretende construir uma análise do capítulo *Rótulos*, que compõe a obra *Um*

*livro para ser entendido*, lançado em 2016 e escrito por Pedro HMC, comunicador e idealizador de um dos maiores canais brasileiros de vídeos sobre temática LGBTQIA+ da plataforma YouTube, o *Põe na Roda*.

A delimitação do *corpus* simboliza, justamente, seu alinhamento às asserções de que não é possível inscrever a homossexualidade em um território limitador de identidades. Para tanto, *a priori*, faz-se necessária uma explanação acerca das questões que permeiam a noção de identidade homossexual, preconceito e estereótipo. Já no escopo propriamente analítico, recorreremos ao respaldo teórico-metodológico da Análise do Discurso de Tradição Francesa, vertente que toma a linguagem enquanto objeto opaco, perpassado por subjetividades vinculadas a determinadas condições de produção, em particular, o conceito de *ethos* articulado por Maingueneau (2004, 2005, 2018), com a intenção de “lançar olhares” interpretativos sobre a maneira como o autor do livro posiciona-se como fiador, através da linguagem empenhada no texto, de um discurso que desconstrói as noções pré-concebidas acerca daquilo que define o que é “ser gay”.

### **Identidade homossexual, preconceito e estereótipo: um breve panorama**

Lidar com o enredamento dos temas que abarcam a noção de identidade exige que as abordagens centradas no assunto não sejam tomadas como um território limitante, mas sim como fundamento de uma compreensão ampla dessa questão, em sentido lato, contextual, alinhado à discursividade a ser analisada. Nesse sentido, amparamos essa discussão à compreensão trabalhada no campo pós-estruturalista dos *Estudos Culturais*, mais especificamente na proposta de Hall (2000), que delimita, na conjectura da pós-modernidade, uma desconstrução da ideia de sujeito “arraigado”, sólido e uniforme, estabelecendo a formação da identidade (o “eu postulado” – sua posição, seu comportamento, sua forma de ver o mundo) como transitória, fragmentada, em constante transformação, haja vista:

O conceito de identidade aqui desenvolvido não é, portanto, um conceito essencialista, mas um conceito estratégico e posicional. [...] Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (HALL, 2000, p.8).

No que diz respeito a uma concepção de “identidade homossexual”, Pretes e Vianna (2007) observam a existência desse corpo social, no cerne de sua própria historicidade, como vinculada a uma série de generalizações universalizantes, inveteradas por uma hermética trama de valores morais e religiosos.

Nesse escopo, a história da homossexualidade está diretamente associada à cultura das sociedades, o primeiro importante registro sobre o assunto, do qual se tem conhecimento, vem do livro Gênesis da Bíblia, que retrata a destruição da cidade de Sodoma e Gomorra, por efeito da promiscuidade vivida por seus cidadãos. Outro importante momento histórico em que se observa o auge da manifestação cultural homossexual é no desenvolvimento das civilizações da Grécia antiga, cujas relações afetivas entre homens eram parte comum dos modos de vida de seus grupos sociais.

Para MacRae (1990), a classificação “homossexual” como identidade, foi originalmente concebida pelos médicos e psicólogos do então recém-criado império alemão do século XIX, com a intenção de produzir campanhas políticas pela não penalização desse tipo de prática no momento vivido pela sociedade da época. Para o mesmo autor, as raízes dessa categorização revelam a causa responsável pelo fenômeno que concentra a maior parte das discussões científicas sobre esse tema no âmbito da medicina e da psicologia.

O assunto só passou a ser trabalhado por outro viés, mais sociológico, em um contexto mais recente, cuja abordagem reconhece a homossexualidade como “axiologização” de uma construção social. Essa abordagem busca distinguir fatores como o comportamento, papéis, categorizações e identidades homossexuais; a saber:

Não só as atitudes perante a homossexualidade são passíveis de variações, como também os significados sociais e subjetivos com que ela é investida. Torna-se, portanto, impossível pensar em uma história universal da homossexualidade. O significado social desse comportamento [...] só pode ser apreendido dentro de um contexto histórico específico [...] (MACRAE, 1990, p. 47-48).

A essência desse pensamento sociológico se ampara na ideia de que não existe uma natureza comum a todos aqueles que se intitulam como homossexuais. Negar essa premissa implica num reducionismo que não faz frente à frustração das ciências biológicas, que se mostram incapazes de relacionar a circunstância física do indivíduo com uma disposição à homossexualidade ou, no caso da psicologia, que se apresenta

falha na tentativa de comprovar a existência de uma personalidade homossexual comum.

MacRae (1990) relaciona as bases dessa reflexão como um ponto de concordância ao pensamento Foucaultiano explanado em “História da Sexualidade I – A Vontade de Saber”, que a despeito da constatação de relações e práticas homossexuais desde os primórdios, atesta que só foi possível verificar o surgimento de um “personagem homossexual” – configurado como membro de um grupo definido com características próprias – a partir do século XVII, como consequência da ativação do chamado “dispositivo da sexualidade”.

Se pensada na contemporaneidade, filiada ao pensamento de Hall (2000), a identidade homossexual não é, portanto, um conceito palpável e puramente natural, sua definição é, por si, um construto formado por meio das afluências de discursos socioculturais de um determinado contexto, como aponta MacRae (1987, p. 81): “ultimamente, tem-se procurado entender a sexualidade não como expressão de uma essência humana, mas como uma construção social que deve ser vista dentro de seu contexto histórico”.

No que se refere, de modo geral, às formas de representação social incrustadas nesse decorrer histórico, a figura homossexual consolidou-se como alvo de preconceito, quase sempre em consequência de estereotipagens alvitadas pelos saberes populares equivocados, provenientes de diferentes discursos.

Por essa lógica, Almeida (2011) pontua que, para além do fator histórico, é preciso destacar os termos deliberadamente preconceituosos que se referem aos homossexuais, desde as palavras ligadas à sodomia religiosa, ou à doença, como no caso do termo de tom pejorativo “homossexualismo”, até as mais cotidianas, como “veado” e “bicha” (termo originário da língua francesa para referir-se aos animais mirrados e frágeis como a corsa, a gazela ou até mesmo um verme).

Pedro (2006) recorre à psicologia social para subsidiar o cerne do preconceito, designando-o como uma atitude negativa contra um grupo de pessoas baseadas exclusivamente no fato de elas pertencerem ao grupo discriminado, distinguindo três elementos fulcrais à sua compreensão: o componente afetivo (as emoções), o componente cognitivo (crenças e pensamentos) e o componente comportamental (as ações).

É no componente cognitivo que reside o que se nomeia de “estereótipo”, uma generalização referente a um grupo de pessoas, em que atributos idênticos são

associados a todos os membros do grupo, sem que sejam levadas em conta as pontuais diferenças existentes entre cada um deles.

Na esfera da comunicação, o conceito de estereótipo encontra em Lippmann (2008), sua afirmação como uma espécie de “imagem mental” rígida, entre o indivíduo e a própria realidade, produzidas sempre na distância da relação com outro grupo social “diferente”, atuando como um “mapa de leitura” que permite ao sujeito a conservação de seus valores e idiosincrasias.

Pedro (2006) discorre que, apesar de não serem necessariamente prejudiciais, as simplificações propostas pelos estereótipos, principalmente quando voltadas para os homossexuais, acabam por estreitar rótulos e generalizações inverídicas que espelham uma “falsa simetria” entre o grupo, acarretando uma negativa de tratamento de cada indivíduo enquanto ser singular, dotado de particularidades, o que reforça, por consequência, o preconceito.

Pensando, então, a identidade e os estereótipos enquanto aspectos que se engendram no viés de um contexto histórico, social, cultural e, portanto, *discursivo*, a Análise do Discurso de Tradição Francesa sobrevém como o arcabouço teórico que provê o instrumental pertinente ao estudo aqui proposto: a investigação da forma como os arranjos da linguagem mobilizada no *corpus* em questão traz uma reflexão crítica acerca dessas formulações generalizantes associadas ao homossexual.

### Respaldo teórico-metodológico da Análise do Discurso de Tradição Francesa

A Análise do Discurso de Tradição Francesa (doravante, AD) é um campo teórico-metodológico cujas bases se estabelecem nos estudos propostos pelo filósofo Michel Pêcheux, na França entre décadas de 60 e 70. Efeito da interdisciplinaridade entre a linguística, a psicanálise e o marxismo, a AD concebe a linguagem, em seu teor analítico, enquanto um objeto “opaco”, permeado por sentidos e ideologias que se manifestam em uma instância complexa e abstrata: o discurso.

Sistemicamente, a AD interpreta que os sentidos estão arraigados no entroncamento entre as condições históricas de produção e as posições ideológicas que são tomadas por um sujeito enunciador. Brandão (2009) alude o discurso como uma competência pontualmente afetada pelos elementos que a rodeiam – as cosmovisões de mundo de seus interlocutores, as maneiras como veem a si próprios, os modos como querem ser vistos, suas posições socioeconômicas – *sua identidade*. Dessa forma,

“todos esses aspectos devem ser levados em conta quando procuramos entender o sentido de um discurso” (BRANDÃO, 2009, p. 6).

A AD fornece as condições de apreendermos os sentidos imbricados em diferentes formas de discurso, na relação entre texto – que compreendemos como a “manifestação do discurso por meio de um plano da expressão” (FIORIN, 2012, p.162) –, tempo e lugar social, os quais afetam a discursividade no tocante à história, língua e ideologia.

Os sentidos, portanto, não são dados apenas por meio das relações linguísticas intrínsecas ao texto, mas, também, por sua exterioridade, ou seja, pelo diálogo com outros textos, outros discursos, outros enunciadores, outros espaços e tempos, o que nos permite inscrevê-los em sua própria historicidade, dado que “a história não é externa ao sentido”, pois “o sentido em si mesmo é histórico” (FIGARO, 2012, p.61).

Na mesma trilha, Maingueneau (1997) argumenta que a AD não pretende constituir uma “doutrina” da interpretação que forneça prontamente todos os sentidos de um texto, e sim empenhar a mobilização de procedimentos teórico-metodológicos que exponham o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito. A AD desponta sobre “a imbricação de uma representação de mundo e de uma atividade enunciativa” (MAINGUENEAU, 2006, p. 139), cujo conteúdo discursivo é indissolúvel da forma como administra o evento de fala que ele institui.

Ponderando o propósito de inferir traços à personalidade de um sujeito designado no discurso do capítulo *Rótulos* de *Um Livro Para Ser Entendido*, a análise do *corpus* traz à baila a formulação que Maingueneau (2004) define como “*ethos* discursivo”, noção que interpela os traços de caráter que o orador deve evidenciar ao auditório para produzir uma impressão: o orador enuncia uma informação, e ao mesmo tempo diz: “eu sou isto, eu não sou aquilo” (BARTHES, 1966 *apud* MAINGUENEAU, 2004, p. 98).

Ao circunscrever as problemáticas da linguagem trabalhadas pela AD nos liames que percorrem as questões de gênero e sexualidade, mais notadamente as do universo homossexual que estão presentes no *corpus*, observa-se que as produções midiáticas da cultura (livros, filmes, novelas, revistas etc.) carregam, muitas vezes, na linguagem que empregam e na figurativização de seus discursos, a emergência de alguns *ethos* subscritos em identidades que condensam e “mapeiam leituras” universalizantes pouco representativas da diversidade de comportamentos existentes entre aqueles que se identificam como gay.

Quando suscitada por esses veículos, a figura do homossexual como ser frágil, de voz fina, que gosta da cor rosa, que não possui aptidão para os esportes ou trabalhos considerados masculinos, faz-se referência a um *ethos* – uma identidade – estigmatizada, *estereotipada*, que, “na teoria”, denota de maneira óbvia, as preferências socialmente imanentes à sua condição sexual, realidade essa que implica na sua consagração enquanto grupo que enfrenta as agruras do preconceito estrutural, em razão de que, quando representadas, mesmo que sejam, de fato, válidas, são feitas com ironia e pouca naturalidade.

Ao referenciar este tipo específico de identidade e retomar os papéis tocantes às masculinidades e feminilidades inscritas na história e na cultura, entra em cena, no discurso, a “dobradiça” que Amossy (2005) nomeia por “*ethos* prévio”: a construção de uma imagem (representação, “mapa”) calcada em cosmovisões globais que se erguem da opinião coletiva em relação a um grupo.

A corporalidade do *ethos*, portanto, pode estar associada às identidades e estereótipos, na mesma medida em que se apoia nos caracteres individuais, dado que o conceito também se relaciona com as representações partilhadas, naquilo que a sociedade espera do indivíduo, em relação à sua performatividade social ou postura de comportamento, alinhada às cristalizações pré-concebidas discursivamente. Assim, “a comunidade avalia e percebe o indivíduo segundo um modelo pré-construído da categoria por ela difundida e no interior da qual ela o classifica” (AMOSSY, 2005, p. 126).

Maingueneau (2005) contextualiza, o *ethos* como instância vinculada à “cena de enunciação”, formulação que compreende um “contrato” que distribui papéis (um conjunto de “regras do jogo”), em que o enunciador seleciona espontaneamente uma “cenografia de ação”, ou seja, um modo pelo qual vai pautar a forma de se dirigir a um “auditório” específico, tornando-se um “fiador” daquilo que diz, representado a partir dos indícios subjetivos demarcados no discurso.

Com efeito, Maingueneau (2004) pontua que o texto escrito possui, mesmo quando o denega, uma modulação que dá “autoridade ao que é dito”, um tom que permite a construção de uma representação do “corpo” do enunciador, circunstância que permite, então, emergir da leitura uma “instância subjetiva que desempenha o papel de fiador do que é dito” (MAINGUENEAU, 2004, p. 98).

Essas “tramas” conceituais são levadas a cabo, portanto, na análise sobre a forma como a linguagem imbricada pelo locutor, no recorte que constitui o *corpus*,

movimenta uma série de aspectos que sustentam a corporalidade de um *ethos* construído no contraponto, que desconstrói, com rigor, as “armadilhas” nutridas equivocadamente pelas representações partilhadas em outros *ethos* estereotipados, esses convencionados como rótulos para o homem gay.

### Protocolo de Análise e resultados

*Um Livro Para Ser Entendido* é a obra literária que estreia a empreitada editorial do roteirista e produtor de conteúdo digital Pedro Mendes de Castilho (conhecido como Pedro HMC), que também é o idealizador de um dos maiores e mais importantes canais de temática LGBTQIA+ na plataforma de vídeos *YouTube*, o “Põe na Roda”.

No ar desde 2014, o canal conta com mais de um milhão de inscritos e veicula uma série de esquetes e *vlogs* sobre as peculiaridades tocantes ao universo cultural, político e social da comunidade LGBTQIA+ contemporânea, através de um tom bem-humorado e democrático, abrangendo uma multiplicidade de especialistas e personagens reais pertencentes aos mais diversos “lugares de fala”, idades, etnias, tipos físicos e posições econômicas.

Conforme expresso no próprio prefácio e em entrevista concedida por Pedro para o “Blog do Maranhão” do jornal “O Povo” em abril de 2017, a ideia de escrever o livro surgiu pelo fato de ter recebido centenas de mensagens em suas redes sociais com dúvidas pontuais sobre corriqueiridades típicas dos modos de vida homossexual.

[...] Muita gente querendo saber como se assumir, como eu me assumi, dúvidas sobre mercado de trabalho, sobre como falar para os pais, se é bissexual, como lidar com um amigo gay, como é viver no armário, como argumentar com um religioso conservador, tem pergunta de todo tipo!

Nessa esteira, ao receber o convite de uma editora, Pedro decidiu criar uma espécie de “guia gay” despretensioso, que ilustrasse algumas peculiaridades intrínsecas ao universo de uma pessoa LGBTQIA+, sem fechar conceitos ou estabelecer dogmas, respondendo às dúvidas mais frequentes de gays assumidos, não assumidos, em fase de descoberta e, até mesmo, heterossexuais, que “pairam na ignorância” ocasionada pela escassez de materiais “descomplicados” que falem sobre o assunto.

O título do livro, que brinca com a relação entre o sentido literal do termo “entendido” e sua utilização como gíria para identificar quem é ou “parece ser” gay,

sintetiza o tônio do discurso de Pedro enquanto comunicador, o de firmar-se como uma voz que pretende desconstruir os eixos que estão calcados em uma ordem discriminatória, trabalhando uma linguagem acessível e polifônica como ferramenta aliada ao enfrentamento dos preconceitos.

O recorte pelo qual conduzimos nossa análise integra o terceiro capítulo da obra, intitulado de “Rótulos”, composto por seis páginas, nas quais Pedro discorre uma série de inferências como possibilidades de resposta para a pergunta: “*Então, se a pessoa não escolhe ser gay, como faço para saber com certeza se ela é?*”, a seguir, elencamos alguns dos enunciados que interessam ao nosso estudo.

1. Seria prático ter uma fórmula para saber se uma pessoa é gay, mas a única que pode dar essa resposta com certeza é a própria pessoa. Por mais que eu tenha brincado no primeiro capítulo, dizendo que gostava de escrever diário e isso era muito gay, por mais que eu detestasse futebol, por mais que eu preferisse brincar de escolinha com as meninas a empurrar pneu com meninos, olha, nada disso – atenção: nada disso significava que eu seria necessariamente gay.

No que tange à postura do sujeito enunciativo no parágrafo introdutório do capítulo, assevera-se a consonância de seu pensamento com a visão sociológica trabalhada por Fry e MacRae (1985), que sobrepõe a homossexualidade e suas práticas como axiologizações produzidas historicamente dentro das mediações de cada sujeito.

Ao retomar algumas de suas próprias memórias e situá-las no interior de um discurso pertencente ao senso comum que, ordinariamente, as movimenta como “mecanismo” de reconhecimento social dos homossexuais como “*escrever um diário*”, “*detestar futebol*” e “*brincar de escolinha com as meninas*”, Pedro assinala em tom de alerta, substanciado pela utilização do termo “atenção”, que nenhum desses hábitos foi o que definiu ou catalisou o chaveamento de sua sexualidade.

Ao narrar os hábitos que possuía quando criança, Pedro revela um traço de sua personalidade que o afasta da cena midiática que ocupa como “figura proeminente do *YouTube*”, pessoalizando sua relação com os leitores que possam ter vivido infâncias similares à sua, situação que, para Maingueneau (2018), produz certo sentido de identificação, dado que o locutor fornece pistas sobre si mesmo, que podem ser confrontadas com *ethos* anteriores, como aquele formatado no núcleo dos discursos de seu canal de vídeos.

2. Tem uma história ótima de um pai que proibiu o filho de tocar piano porque achava que aquilo era muito gay. O que aconteceu? O menino cresceu e se tornou um gay que não sabia tocar piano... Pode ser que, em muitos casos, gostos e comportamentos denunciem a sexualidade de alguém. Mas isso definitivamente não é uma regra. Sexualidade não tem necessariamente a ver com gostos ou papéis. Por brincar de boneca, um menino não deixa de ser hétero. Na realidade, o “grande risco” que ele corre nesse caso é aprender a ser um ótimo e cuidadoso pai. Não gostar de futebol como a maioria dos meninos pode levar um garoto a descobrir outros talentos, como natação, escrita ou até mesmo balé, sem que isso signifique que ele é gay ou hétero.

No trecho em evidência, o autor suscita que comportamentos e gostos não devem ser tolhidos por “denunciarem” a homossexualidade, ao ressaltar a inexistência de uma regra que conecte os papéis e praxes culturais como agentes que definem a sexualidade dos indivíduos, ele delimita as consequências que podem ser geradas pela subtração dessas vontades, revelando os impactos que essas atitudes podem acarretar para a formação de caráter individual, afetando desde a criatividade até as possibilidades de exploração de talentos que extrapolem a categorização das modalidades tidas como “de menino” e “de menina”, haja vista que impedir um filho de “tocar piano” ou “brincar de boneca” não configuram métodos eficazes na coibição do despertar das sexualidades.

Os comportamentos e atividades negadas pelo autor (imbuído de uma linguagem literária, pautada por suas vivências e observações pessoais) como “definidoras” de sexualidade, encontram concordância com o respaldo teórico desenvolvido nas proposições de autores do campo de gênero e sexualidade, como Miskolci (2009), que critica pontualmente a incorporação das identidades sexuais em lógicas de oposições “binárias”, sujeitadas aos saberes dominantes que estabelecem uma dinâmica de classificação, em que a organização dos significados é dada por meio daquilo que difere o homem gay do homem hétero, em uma regularização de presença e ausência. Nesse sentido, o autor reivindica, de mesmo modo, a necessidade de uma “desconstrução”, de uma “atualização” dessa sistemática, uma vez que o “ser gay” ou “ser hétero” são orientações que se intrincam em distinções que estão muito além de uma simples preferência por uma brincadeira dita “de menina” ou esporte dito “de menino”.

3. Um dia me peguei pensando em como também pode ser difícil ser homem e heterossexual. Claro que eles não têm a vida ameaçada como os gays por causa da sexualidade (longe de mim defender a suposta heterofobia que alguns pastores e deputados clamam... RISOS). Mas, mesmo assim, não deixa de ser extremamente opressor e limitante o papel do homem hétero. Isso mesmo, o machismo acaba vitimizandando também o seu criador e maior incentivador: o homem hétero.

A passagem em questão evoca os modos pelos quais os rótulos e estereótipos podem também afetar a realidade da identidade considerada hegemônica, o heterossexual, posto que a demanda de comportamento incentivada por, nas palavras de Pedro, seu “criador”, incide nele próprio, que acaba por receber a pressão de atender um padrão de masculinidade que foge de toda e qualquer característica que possa apresentar nuances da fragilidade ou feminilidade. Ao colocar-se no lugar do “homem hétero” e produzir essa reflexão, anuncia-se um traço de empatia intrínseca ao *ethos* do sujeito, ponderando que sua compreensão não deve ser confundida com “defesa” das falsas simetrias inveteradas no conceito de “heterofobia”, por vezes trabalhado no discurso de figuras conservadoras da política e da religião.

Aqui se reitera também, a partir de sua experiência, a nocividade que pode advir do enquadramento da sexualidade nos “jogos de poder” que operam na exigência de performatividades compatíveis às “imagens mentais” perpetradas pelos estereótipos (LIPPMAN, 2008) em que, por sua vez, são projetadas as representações sociais que naturalizam a heterossexualidade e a masculinidade no escopo de um território limitante, catalisando as “ansiedades” de pertencimento aos requisitos postos por essas categorizações aceitas, erroneamente, como “mais verdadeiras” que outras.

4. Assim que eu pensei em criar o Põe Na Roda, a primeira ideia de vídeo foi o “Não é por ser gay”. Escrevi em 5 minutos enquanto estava no trabalho. Eu tinha 27 anos, trabalhava na Band como roteirista e já era assumido para todo mundo (amigos, família, trabalho...) havia anos. Mesmo assim, aquele era um desabafo muito pessoal sobre todos os rótulos que eu percebia que me colocavam a partir do momento em que eu deixava claro para qualquer pessoa que sou gay. Ao mesmo tempo, isso não significa que uma pessoa não tem o direito de ser estereotipada. Por isso, no mesmo vídeo, há uma quebra, como quando um dos participantes diz: “Não é por ser gay que eu falo ‘aloka’ ou ‘arrasa!’”, e outro completa: “Mas eu falo!”. “Não é por ser gay que eu tiro a camisa na boate”, “Mas eu tiro!”, responde o descamisado. “Não é por ser gay que eu sei fazer coreografia!”, “Mas eu faço!”, diz o Fagner arrasando na coreografia de I’m a slave for you. E por aí vai... Era só um desabafo pessoal, com o qual, pelo visto, muitas pessoas se identificaram. Quando me dei conta o vídeo estava sendo compartilhado e sendo notícia em tudo que era canto.

O fragmento resgata alguns dos discursos promovidos em um dos primeiros vídeos do canal de Pedro no *YouTube*, caracterizado pelo mesmo como um “desabafo muito pessoal” em relação à série de rótulos que lhe eram imputados em todo momento que revelava sua sexualidade a alguém. O vídeo em questão, intitulado de “*Não é por ser gay que eu...*”, é uma produção de 1 minuto e 56 segundos, em que homens gays de

diferentes biotipos, condições físicas e espectros sociais desconstroem, através da narrativa de suas próprias histórias, o *ethos* prévio (AMOSSY, 2005) consolidado pelas óticas que determinam uma identidade gay posta como única, salientando as alteridades que dão o tom da diferença entre uma identidade e outra, no interior de um mesmo grupo.

A colocação do autor, ainda que não transite profundamente pelo argumento, ilustra que, mesmo no interior da comunidade, residem alguns estereótipos, hierarquizações e “binaridades” que rotulam o homem gay no que seria seu próprio espaço de acolhimento. Nessa seara, Pochay (2007) sublinha tais ocorrências como um sintoma da “sexualização” dos espaços sociais, que recaem nas mesmas sinalizações estereotipadas pelas morais conservadoras que estruturam e segmentam posições a serem ocupadas por cada um. O mesmo autor sugere que a possível “libertação” desses rótulos se funda, inexoravelmente, na recusa e enfrentamento às classificações impostas, bem como no entendimento de que é preciso pensar a(s) identidade(s) para além daquelas destacadas como universais.

5. Dá para perceber que (em níveis diferentes, é claro) todos, em algum momento, sofreremos com estereótipos, rótulos e preconceitos, independentemente da sexualidade, né? Portanto, só quem pode dizer se é hétero, bissexual, gay ou lésbica é a própria pessoa, independentemente do que ela pareça. Gostos, pinta ou atitudes são apenas o seu jeito. Isso não necessariamente diz respeito à sua sexualidade, que é apenas “de quem você gosta”. E você pode, sim, ser do jeito que bem entender. Só isso mesmo. Beleza?

Por fim, no último trecho do capítulo, ao sopesar as adversidades que atingem as identidades estigmatizadas socialmente e questionar/problematizar/desconstruir os estereótipos sobre “ser gay”, o autor não os nega como identidade, mas mostra que estes podem conviver com outras características, mesmo que opostas, valorizando a autoafirmação do “ser” para além do “ser – homo, hétero, etc.”, de modo que a relevância do *ethos* de “ser” se sobrepõe como identidade, na razão de que esta se configura como uma “celebração móvel” formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2011, p. 13).

## Considerações finais

Não faz parte do escopo da Análise do Discurso de Tradição Francesa “fechar” análises ou promover um desenlace satisfatório que atravesse o texto em busca de *um* sentido único e impenetrável, assim, nossa reflexão pretende trazer à tona o modo como são construídos determinados sentidos e o porquê de serem esses e não outros. Isso posto, diante das asserções feitas a partir do exame do objeto, foi possível aferir alguns aspectos que repercutem no *ethos* do sujeito inscrito no capítulo *Rótulos de Um Livro Para Ser Entendido*.

Os discursos mobilizados por Pedro no decorrer do capítulo, retomam noções sociológicas de caráter desconstrucionistas, que pontuam a homossexualidade enquanto universo polifônico, que não se reduz somente à fórmula específica trabalhada pelas mídias e convencionalizada socialmente como “aparelho” de reconhecimento social de quem é ou não gay.

Ao incluir-se na narrativa como homem gay que, no processo de sua formação de caráter, bem como na manifestação de sua sexualidade, foi perpassado por rotulações e limitações estereotipadas de identidade, Pedro retoma traços de sua personalidade, enquanto denega outros, desenvolvendo uma relação de proximidade com o leitor, remetendo a uma série de aspectos de sua vida pessoal em tom de “desabafo”, interpelando alguns discursos anteriores, trabalhados nos vídeos de seu canal, ato que reforça o tom de sua emergência como sujeito: o de alguém que não crê em regras ou estigmas que sejam capazes de dar conta das complexidades que compõem a individualidade das identidades.

Na medida em que a relação se desenvolve, a interação desencadeada passa a “dar corpo” ao *ethos* engendrado no próprio enunciado, essa forma de construção diz respeito à noção de “corpo dito e corpo mostrado”, expressa por Maingueneau (2018), na qual o enunciador faz uso de suas próprias referências (sua ótica, seus pontos de vista e idiossincrasias) para aferir o *ethos* de si mesmo.

Desse modo, o *ethos* de Pedro configura-se como o de um homem gay de natureza contestadora aos valores tradicionais, que escamoteiam e estigmatizam alguns comportamentos em detrimento da hegemonia heteronormativa, utilizando a plataforma de privilégio que possui, enquanto comunicador, para transgredir conceitos e promover a diversidade, reavendo uma série de *ethos* preestabelecidos, sem negá-los, mas propondo um novo paradigma de aceitação através deles, visto que a raiz do preconceito

em relação à comunidade LGBTQIA+ reside, justamente, nos estereótipos. Tratar da impossibilidade de fechar identidades em rótulos, considerando suas complexidades, não deixa de ser uma forma de romper com ilusões sociais e, quem sabe, desconstruir desafetos.

## Referências

- ALMEIDA, Daniel Mazzaro Vilar. “Sou gay, porém totalmente discreto”: os estereótipos e a criação do *ethos* em um site de relacionamento gay. **Revele**, v. 3, p. 39-61, 2011.
- AMOSSY, Ruth. (org.). **Imagens de si no Discurso: a Construção do Ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Analisando o discurso**. São Paulo: Museu da Língua Portuguesa, 2009.
- FIGARO, Roseli. **Análise do Discurso e Comunicação**. São Paulo: Contexto, 2012.
- FIORIN, José Luiz. Da necessidade de distinção entre texto e discurso. *In*: BRAIT, Beth; SOUZA E SILVA, Maria Cecília (orgs.). **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012, p. 145-163.
- FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é Homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural, 1985.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103-133.
- HMC, Pedro. **Um Livro Para Ser Entendido**. São Paulo: Outro Planeta, 2016.
- LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- MACRAE, E. A Afirmação da Identidade Homossexual: seus perigos e sua importância. *In*: TRONCA, Italo. **Foucault Vivo**. Campinas: Pontes Editores, 1987, p.81-88.
- MACRAE, Edward. **A Construção da Igualdade - Identidade Sexual e Política no Brasil da "Abertura"**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, Cenografia, Incorporação. *In*: AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2005, p. 6991.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da Enunciação**. Curitiba: Criar Edições, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. Retorno Crítico à Noção de Ethos. **Letras de Hoje**, v. 53, p. 321-330, 2018.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 21, p. 150-182, 2009.

MORAES, Érika. **A representação discursiva da identidade feminina em quadros humorísticos**. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP, 2008.

PEDRO, Roberto Cardoso. **O preconceito no discurso gay**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras. Belo Horizonte, MG, 2006.

POCAHY, Fernando. **Rompendo o silêncio**: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea. Políticas, teoria e atuação. Porto Alegre: Nuances, 2007.

PRETES, Érika Aparecida; VIANNA, Túlio. História da criminalização da homossexualidade no Brasil: da sodomia ao homossexualismo. *In*: LOBATO, Wolney; SABINO, Cláudia & ABREU, João Francisco (orgs.). **Iniciação Científica**: destaques. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2007, p. 313-392.

---

<sup>a</sup> Mestrando no programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design

<sup>b</sup> Doutora em Linguística. Docente na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do IBILCE-Unesp.